

NOTA INTRODUTÓRIA

É inegável que nos panoramas historiográficos europeu e americano a temática dos impérios conheceu nas últimas décadas um novo fôlego, bem patente na edição de importantes estudos de análise de um quadro imperial específico ou de âmbito comparativo, como ilustram recentes obras de John H. Elliott e de Jorge Cañizares-Esguerra¹; nas inúmeras edições relativas às independências ibero-americanas; mas também na publicação de artigos em revistas especializadas que pretendem interrogar quer a teoria e a história dos impérios, quer o próprio objecto “império”. Este revigoramento da história dos impérios está, por certo, associada em parte ao surto da *Atlantic history*², da *world history* e da *global history*³ — e às críticas que lhes são dirigidas⁴ —, mas decorre igualmente da

¹ Cf. John E. ELLIOTT, *Imperios del Mundo Atlántico. España y Gran Bretaña en América (1492-1830)*, Madrid, Taurus, 2006 [edição original: 2006]; Jorge CAÑIZARES-ESGUERRA, *Católicos y puritanos en la colonización de América*, “Ambos Mundos”, Madrid, Fundación Jorge Juan, Marcial Pons Historia, 2008 [edição original: 2006].

² Para uma síntese recente do “estado da arte” da *Atlantic history*, ver Jack P. GREENE e Philip D. MORGAN (eds.), *Atlantic History: A Critical Appraisal*, New York, Oxford University Press, 2009. Mas veja-se também Bernard BAILYN e Patricia L. DENAULT (eds.), *Soundings in Atlantic History: Latent Structures and Intellectual Currents, 1500-1830*, Cambridge, Ma.-London, University Press, 2009.

³ Um importante indicador da relevância historiográfica e académica destes temas é o aparecimento de revistas especializadas dedicadas aos mesmos: o *Journal of World History*, publicado desde 1990, e o *Journal of Global History*, cujo primeiro número surgiu em 2006. No entanto, no caso da *world history*, em 1982 fora já fundada a World History Association [<URL: <http://www.thewha.org/index.php>>]. Sobre o “estado da arte” no campo da *world history*, veja-se, entre outros, Marnie HUGHES-WARRINGTON (ed.), *World histories*, Basingstoke, Palgrave Macmillan, 2004.

⁴ De entre as várias críticas direccionadas à *Atlantic history* norte-americana ou anglo-saxónica, ver, entre outros, Peter A. COCLANIS, “*Drang Nach Osten*: Bernard Bailyn, the World-Island, and the Idea of Atlantic History”, *Journal of World History*, vol. 13, n.º 1, 2002, pp. 169-182, e Federica MORELLI e Alejandro E. GÓMEZ, “La nueva Historia Atlántica: un asunto de escalas”, *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, n.º 6, 2006, colocado *on line* a 5 de Abril de 2006, consultado a 20

constatação de que não é possível pensar a história mundial sem uma referência às formações e às ideologias imperiais, pelo que importa analisar a emergência da ideia de “império”, o conteúdo do conceito, as heranças culturais e as mútuas influências e a articulação entre a teoria e a prática políticas, sobretudo a partir do século XV, quando entraram em cena novos tipos de construções imperiais decorrentes da expansão ultramarina europeia, os impérios “marítimos”, geograficamente descontínuos⁵.

Neste contexto historiográfico, uma das vertentes mais dinâmicas é aquela que, na esteira de obras pioneiras como as de Jacques Godechot e Robert Roswell Palmer⁶, que chamaram a atenção para a necessidade de se pensar a unidade do mundo atlântico, tem colocado no centro da pesquisa e dos debates o “Atlântico das revoluções”⁷. De facto, inúmeros estudos dados à estampa em anos próximos têm interrogado e revisitado o impacto das reformas ensaiadas na centúria de Setecentos, sobretudo nos espaços ibéricos, das “frondas” e revoltas e das guerras napoleónicas na gradual transformação das relações entre os centros políticos europeus e as suas periferias, em particular as americanas, e na desagregação imperial no mundo atlântico na viragem para um novo século.

Modestamente, este livro pode incluir-se nesta tendência, embora a sua génese se encontre na vontade de assinalar uma efeméride que, em 2010, cumpria duzentos anos. Com efeito, no contexto da terceira invasão francesa, comandada

de Junho de 2007 [[URL: http://nuevomundo.revues.org/document2102.html](http://nuevomundo.revues.org/document2102.html)]. Para uma tentativa de articulação entre a *Atlantic history* e a *global history*, ver Jorge CAÑIZARES-ESGUERRA e Erik SEEMAN, *The Atlantic in Global History, 1500-2000*, Upper Saddle River, NJ, Prentice Hall, 2006 e, para uma crítica “atlântica” da *global history*, ver Jean-Paul ZUNIGA, “L’Histoire impériale à l’heure de l’«histoire globale». Une perspective atlantique”, *Revue d’histoire moderne et contemporaine*, n.º 54-4bis, 2007/5, pp. 54-68.

⁵ Cf. Elizabeth MANCKE, “Early Modern Expansion and the Politicization of Oceanic Space”, *Geographical Review*, vol. 89, n.º 2: *Oceans Connect*, Abril 1999, pp. 225-236; Andrew FITZMAURICE, “The Ideology of Early Modern Colonisation”, *History Compass*, 2 (2004), NA 064, pp. 1-12; Jane BURBANK e Frederick COOPER, *Empires in World History: power and the politics of difference*, Princeton, Princeton University Press, 2010, pp. 149-184.

⁶ Cf. Jacques GODECHOT e Robert PALMER, “Le problème de l’Atlantique du XVIII^{ème} au XXI^{ème} siècle”, in *Relazioni del X Congresso internazionale di Scienze Storiche*, Roma, Comitato internazionale di scienze storiche, 1955, V, pp. 175-239; Robert R. PALMER, *The Age of the Democratic Revolution. A Political History of Europe and America, 1760-1800*, Princeton, Princeton University Press, 1958-1964, 2 vols.; Jacques GODECHOT, *France and the Atlantic Revolution of the Eighteenth Century, 1770-1799*, New York-London, The Free Press-Collier Macmillan Limited, 1965.

⁷ Cf. Wim KLOOSTER, *Revolutions in the Atlantic World. A Comparative History*, New York and London, New York University Press, 2009; David ARMITAGE e Sanjay SUBRAHMANYAM (eds.), *The Age of Revolutions in Global Context, c. 1760-1840*, Houndsmills, Palgrave MacMillan, 2010.

pelo marechal Massena, a fragata *Amazona* aportou em Angra a 26 de Setembro de 1810, trazendo a bordo os “Setembrizados”, umas dezenas de presos que, sem culpa formalizada, haviam sido deportados pela regência do reino, acusados de serem “jacobinos” e de perfilharem ideias liberais. Entre os prisioneiros contavam-se letrados, professores, médicos, juizes, advogados, militares, padres e homens de negócio. Alegando problemas de segurança, o capitão-general dos Açores levantou dificuldades ao desembarque do grupo de deportados e enviou alguns dos presos para outras ilhas. Os “Setembrizados”, beneficiando de um regime prisional pouco rígido, foram-se acomodando ao ritmo de vida dos ilhéus e vice-versa e, na conjuntura de 1820, prestariam um apoio essencial ao triunfo da causa liberal nos Açores.

Foi com o objectivo de celebrar esta efeméride e de homenagear os envolvidos na “Setembrizada”, responsáveis, afinal, por mais uma tentativa de introduzir a modernidade política em Portugal, que o Centro de História de Além-Mar (CHAM) organizou um colóquio internacional, que teve lugar em Angra do Heroísmo nos dias 4, 5 e 6 de Novembro de 2010 e reuniu historiadores de diversos países e continentes. Esta acção, que surgiu no seguimento de outras iniciativas do CHAM levadas a cabo em Portugal — e, em particular, nos Açores — e no estrangeiro, pretendeu analisar o período axial que vai de 1750 a 1822 e no qual registamos a ocorrência de um conjunto de eventos fundadores da contemporaneidade política, social e intelectual à escala regional, nacional e internacional, como foram as revoluções americana e francesa, a revolta e a independência do Haiti, a mudança da Corte portuguesa para o Brasil, o início do processo das independências na América espanhola, a primeira experiência liberal em Espanha, o movimento de 1820 em Portugal e a independência do Brasil.

Sob este ângulo, pretendeu-se relevar a importância do Atlântico como um espaço para a circulação das elites enquanto factor de difusão de novas ideias e de valores fundamentais das sociedades contemporâneas e de construção de redes de informação. De igual modo, foi destacado o papel das ilhas açorianas que se, por um lado, mantinham as características de uma periferia, por outro, pela sua centralidade geográfica no coração do sistema atlântico, funcionavam como ponto nodal e placa giratória de uma densa rede de fluxos e refluxos, de um “mundo em movimento”, como lhe chamou A. J. R. Russell-Wood, no seio do qual a circulação de produtos se fazia a par da de pessoas e ideias. Deste modo, os Açores, durante as décadas finais do século XVIII e as primeiras do XIX, revelam-se um espaço privilegiado para a observação da circulação das elites no interior do espaço atlântico e para a análise da produção de um “campo intelectual” e das redes de informação que contribuíram para o germinar de novos

horizontes e para o fim do Antigo Regime.

A presente obra tem, pois, como ponto de partida esse evento, as comunicações que foram apresentadas, cobrindo um vasto leque de temáticas, e os debates então mantidos e depois prolongados em outras ocasiões. Renovamos os nossos sinceros agradecimentos a todos os intervenientes no colóquio internacional pelo interesse demonstrado na participação no evento e, sobretudo, na edição dos textos, permitindo que o seu conteúdo atinja um público mais vasto. Agradecemos igualmente a todas as instituições que, em 2010, apoiaram a realização do evento: a Direcção Regional da Cultura do Governo Regional dos Açores, com destaque para o Museu de Angra do Heroísmo, onde decorreram os trabalhos, o Instituto Açoriano de Cultura e o Instituto Histórico da Ilha Terceira. Agora, esperamos apenas que este volume possa merecer a atenção de especialistas e interessados nestas matérias, suscitar novas interrogações e pesquisas e contribuir assim para o aprofundamento dos nossos conhecimentos em relação a uma época charneira da história dos povos e das sociedades que partilhavam o mundo atlântico.

Ponta Delgada, Outubro de 2012

José Damião Rodrigues